

## ÚLTIMA RINHA

Jayme Caetano Braun

Calcei o frango Prateado  
Que foi pinto em meu terreiro  
Pra soltar no rinhedeiro  
Onde estava um Colorado.  
Havia povo amontoado  
De pé, sentado e de joelho.  
O jogo muito parelho  
De mansito começou,  
Até que um pardo gritou:  
Cem mil no galo vermelho!

Era um galo da Argentina  
Diz que campeão de torneio,  
O meu era um frango feio,  
Mas de pua muito fina,  
Porém a voz repentina  
Do alarife jogador  
Trouxe como que um tremor  
De surpresa e de impaciência  
Que fez vibrar a assistência  
Ao redor do tambor!

Foi como chuva no zinco,  
E a cousa já pegou fogo  
Começando a sair jogo  
De até vinte mil por cinco,  
Mas havia um tal afinco  
Que um dos lados se encolheu,  
Houve até quem se benzeu  
Num gesto de carpeteiro  
Fazendo cruz no dinheiro  
Jogando a favor do meu!

E me deixaram de lado  
Solito e sem parceria.  
E eu joguei o que podia  
Contra o galo Colorado.  
Depois, soltei o Prateado  
Que ciscando na cerragem

Bateu asas, de coragem,  
E cantou com imponência  
Como quem diz à assistência;  
Não dou nem peço vantagem!

Já na primeira topada,  
Antes de trançarem ferro,  
O meu frango deu um berro  
Numa voz esganiçada,  
Tinha uma vista arrancada  
E o grito fora inconsciente,  
Mesmo que um grito de gente  
Que ele soltou sem sentir  
Mas sem menção de fugir:  
Oigalê, bicho valente!

Senti um bárbaro arrepio  
Que me correu pela espinha  
Mas, porém, seguiu a rinha  
E o meu frango não fugiu,  
Cambaleou mas não caiu  
E se aprumou de vereda,  
Enquanto que pela seda  
Do pescoço levantado  
Descia o sangue encarnado  
Num brilho de labareda!

E voltando com furor  
Respondeu aço com aço,  
Puaço atrás de puaço  
Que estremecia o tambor  
O tal galo Colorado,  
Já nem falo do Prateado  
Que bem de pé, como um potro,  
Veio pra cima do outro  
Mesmo que um tigre baleado!

E amigos, naquele instante  
Me amaldiçoei em segredo  
Das vezes que tive medo  
De algo insignificante  
Ao ver ali, impressionante,  
Aquele galo ferido,  
No próprio sangue esvaído,  
Torto, quase cego até,  
Disposto a morrer de pé  
Pra não se dar por vencido!

Afogado na sangueira  
E abaixo de "tempo feio"  
Vi que não ia a "careio"  
Assim, daquela maneira,  
A cabeça uma peneira,  
Do pescoço, já nem falo,  
Eu sem poder ajudá-lo,  
Ele peleando sozinho  
E eu repetindo baixinho:  
Vamos?! Coragem meu galo!

E o vermelho ia ponteando  
Mais brabo do que uma cobra  
Que perna, tinha de sobra,  
A raça também, sobrando,  
E foi aí, senão quando,  
Que o frango do meu terreiro  
Num tiro de desespero  
Mais certo do que um balaço  
O desnucou de um puaço  
No meio do rinhedeiro!

E ali esta o galo Prateado  
Cercado pelas galinhas,  
Eu até deixei as rinhas  
Talvez por penalizado,  
Ou talvez espicaçado,  
Que o remorso não perdoa,  
Por que se a vida é tão boa.  
É um banditismo da gente  
Fazer um bicho valente  
Matar ou morrer à toa!!